

ENSAIO SOBRE OS PRECONCEITOS OU DA INFLUÊNCIA DAS OPINIÕES SOBRE OS COSTUMES E SOBRE A FELICIDADE DOS HOMENS¹

de

Paul-Henri Thiry D’Holbach

Tradução: Marcelo de Sant’Anna Alves Primo²

1. Introdução do tradutor

O combate engajado contra a superstição no século XVIII mostra a opção por um profundo e decisivo rompimento com as épocas anteriores, mesmo em um primeiro momento podendo se aperceber que esse combate não é novo, que já viera à tona em outros tempos e lugares.³ Entretanto, se o anseio de emancipação do indivíduo, no que concerne à crítica da superstição no século XVIII, não comporta a inovação nem a exclusividade de tal empreitada, por outro lado, a noção de *superstitio* ganha um caráter *sui generis* nas Luzes quando passa a ser entendida como *distância por excesso*: a superstição seria uma devoção mal ordenada, mostrando a via de utilização profana de qualificações religiosas (DOMPNIER, 1998, p. 9). Sob esse prisma, a superstição sendo definida como tudo o que seja acrescentado à religião, ela agora vai para o rol das aberrações suscetíveis de afetar os comportamentos religiosos, como o fanatismo e a credulidade. Paulatinamente, os dogmas e as práticas cristãs em sua totalidade passam a englobar essa categoria no decorrer do século.

Nesse sentido, qual seria a originalidade do termo superstição no Iluminismo? A saber, a sua utilização contra o sistema de pensamento que a engendrou, devido ao

¹O texto original da presente tradução é D’HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Essais sur les Prejugés ou De l’influence des opinions sur les mœurs e sur le bonheur des hommes. Ouvrage contenant l’Apologie de la Philosophie par Mr. D.M.* Londres: éditeur anonyme, 1822, p. 254-278 [versão fac-símile].

²Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente sou professor colaborador voluntário do departamento de Filosofia e do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe e bolsista PNPd-CAPES/UFS. E-mail: marceloprino_sp@hotmail.com

³ Segundo Bernard Dompnier, “Com efeito, como não observar, antes de tudo, que os homens das Luzes não inovam verdadeiramente, visto que a Igreja Católica já tinha amplamente engajado o combate sobre esse front no século precedente? Bem mais, a ação do clero tridentino, guiado por critérios de partilha das atitudes religiosas herdadas de santo Agostinho e de são Tomás de Aquino, se inscrevia em uma atitude plurisecular visando a assegurar ao cristianismo um monopólio sobre a relação dos fieis com o sacro.” “Introduction”, in: DOMPNIER, Bernard. *La superstition à l’âge des Lumières*. Paris: Honoré Champion, 1998, p. 9.

crescimento da argumentação científica⁴, ao exercício da razão crítica e a autoridade crescente do saber da medicina, tríade que constitui uma investida contra certezas e saberes cristalizados pela tradição. Tanto o conteúdo como os usos da noção de superstição manifestam em que condições o combate era empreendido: em cada uma de suas etapas, ela permite que a cultura dominante estigmatize o que percebe e até mesmo reduz, como além do limite do plausível no tocante aos sistemas de representação e compreensão do mundo, e, da mesma forma, as práticas de prioridade sobre as forças do universo. Em suma, “delimitar a noção de superstição é também contribuir para definir os contornos da noção de ‘Luzes’” (*Id. Ibid.*, p. 10).

Escrito em 1770, o *Ensaio sobre os preconceitos ou Da influência das opiniões sobre os costumes e sobre a felicidade dos homens* do barão d’Holbach é uma verdadeira diatribe filosófica contra o fenômeno da superstição no século das *Lumières*⁵. O Barão buscando minar a superstição enquanto força social, uma vez que ela constituía um entrave à felicidade dos homens, lança mão de todos os argumentos psicológicos⁶ históricos e políticos⁷ disponíveis, afirmando ser “uma coisa notável a inimizade que subsistiu em todos os tempos entre a superstição e a filosofia” (1770, p. 118). A investigação acerca da causa da superstição tem como efeito, segundo Georgette e Bernard Cazes, uma “virtude curativa”, uma vez que as teorias do Barão, “para explicar a gênese do sentimento supersticioso são extremamente numerosas e interdependentes” (1967, p. 141), como por exemplo: 1) mero resultado da imaginação dos homens⁸; 2) desejo de se adentrar na origem oculta das coisas; 3) ignorância das causas naturais⁹. Holbach vai mais adiante na sua investida contra a superstição: não se

⁴ Lembrando que o próprio Holbach deu a sua contribuição à *Encyclopédie*, escrevendo mais de 400 artigos sobre química e mineralogia. Ver TIMPANARO, Sebastiano. “Holbach ‘filosofo della natura’?” In: D’HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Il buon senso*. Trad. del francese di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985, p. xxix em particular.

⁵ Entretanto, Pierre Naville observa que a autoria do escrito é duvidosa, não podendo ser atribuída a sua paternidade ao Barão. Ver CAZES Georgette/ CAZES Bernard. *D’Holbach portatif*. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert Editions, 1967, p. 16.

⁶ “A filosofia somente foi nociva à paz da sociedade quando amalgamada com a superstição, foi forçada a adotar seus furores, colorir suas mentiras, e apoiar seus devaneios.” (1770, p. 126)

⁷ Ver esta passagem: “Ajudada pela experiência dos séculos passados, a filosofia, esclarecendo a *política* e a *História*, está em poder de instruir os que governam hoje. Ela mostrar-lhes-á as armadilhas onde os outros pararam, descobrir-lhes-á as verdadeiras causas dessas revoluções que tomaram os impérios, far-lhes-á ver em cada página os trágicos efeitos da tirania, da superstição, do delírio dos reis, dos preconceitos dos povos, da ambição dos grandes.” (*Ibid.*, p. 122, grifos meus)

⁸ “A filosofia só é um espírito de vertigem quando segue a imaginação.” (*Ibid.*, p. 129)

⁹ “A filosofia só é incerta quando ela cessa de tomar a Natureza como guia, ou quando ela só segue a imaginação e a autoridade.” (*Ibid.*, p. 128.) Nas palavras de Sebastiano Timpanaro: “Sobretudo, é como não-divindade e anti-divindade, como concretude, como realidade oposta a todos os ‘mistérios’ e as ‘quimeras’ da religião que Holbach aprecia a natureza.” (1985, p. xxxv)

limitando à esfera privada, o sentimento do *superstitiosus* cresce para além dos limites que lhe compete, ganhando tentáculos e tornando-se um corpo estranho ao homem e à sociedade. A ideia de uma onipotência e onisciência divinas perante a uma criatura limitada em seus recursos materiais e intelectuais parece ao Barão a engendradora de situações absurdas, sendo impossível aí surgir uma relação equilibrada entre o criador e a sua criatura, à medida que calamidades de ordem natural acabrunham o homem, testemunhando nele uma carência fundamental de uma divindade providente¹⁰.

Nos âmbitos da felicidade individual e do funcionamento da sociedade, a religião equiparada à superstição, para Holbach ambas são repletas de características negativas, estando elas nos antípodas da natureza: 1) ela excita mais do que freia as paixões dos príncipes; 2) prejudica os interesses da coletividade, sendo pouco eficaz para erradicar ou ao menos minimizar a miséria; 3) ela é uma utilização dos recursos da economia particularmente improdutiva. Ao contrário de outros *philosophes*, o Barão não acredita que esta economia externa seja a influência moralizante sobre a massa, pois a religião jamais foi um remédio ou garantia contra comportamentos antissociais, muito pelo contrário, pois depende do governo e da sociedade, em última instância, a moralização do indivíduo (CAZES;CAZES, 1967, p. 143). E mais do que isso, contrariamente aos filósofos que acreditavam em um suposto estágio primitivo da religião, depurada de fanatismo e superstições, “Holbach não é um admirador das religiões primitivas, um crente em uma ‘pureza’ ético-religiosa originária, corrompida somente em uma época posterior” (TIMPANARO, 1985, p. XXXIX). Contudo, Holbach não limita a sua reflexão à crítica da superstição, pelo contrário, ele igualmente tem a preocupação de defender um homem livre dos preconceitos em consonância com o todo de seu sistema moral e político.

Quanto à relevância da presente tradução, em primeiro lugar, é digno de nota que textos especificamente a respeito da superstição no pensamento de Holbach nunca foram traduzidos em território brasileiro. Em segundo lugar, o tema da superstição datando da Antiguidade desde Teofrasto e Plutarco, se adentrando na Modernidade com Bacon e Spinoza, chegando ao século XVIII com Holbach e ainda tendo a sua importância na contemporaneidade, só mostra o quanto o tema da superstição ainda é suscetível de uma reflexão filosófica. Abordando em seus aspectos psicológicos, morais, históricos, políticos, éticos, sociais e religiosos, o Barão analisa a superstição

¹⁰ Tema da Providência que gerou uma acalorada discussão epistolar entre Rousseau e Voltaire quando ocorreu o terremoto de Lisboa em 1755.

sob todos seus ângulos possíveis, e mais do que criticá-la, propõe uma tarefa ao homem, que lhe exige o “uso da experiência” para “aplicar à cura de seus males, à supressão total da superstição, à perfeição da educação, à reforma dos costumes” (1770, p. 123).

Referências

- CAZES, B.; CAZES, G. *D'Holbach portatif*. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert, 1967. (“Libertés”).
- DOMPNIER, B. *La superstition à l'âge des Lumières*. Paris: Honoré Champion, 1998.
- HOLBACH, P. T. H.. *Essais sur les préjugés ou De l'Influence des opinions sur les moeurs et sur le bonheur des hommes. Ouvrage contenant l'Apologie de la Philosophie par Mr. D.M.* Londres: éditeur anonyme, 1822.[versão fac-símile.]
- _____. *Essais sur les préjugés ou De l'Influence des opinions sur les moeurs et sur le bonheur des hommes*. Paris: PUF/Coda, 2007.
- _____. *Il buon senso*. Trad. del francese di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985.

CAPÍTULO X
DA ANTIPATIA QUE SEMPRE SUBSISTIRÁ ENTRE A FILOSOFIA E A
SUPERSTIÇÃO. DO ESPÍRITO FILOSÓFICO E DE SUA INFLUÊNCIA SOBRE
AS LETRAS E AS ARTES

de

Paul-Henri Thiry d'Holbach

Tradução: Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

É UMA COISA NOTÁVEL QUE A INIMIZADE que subsistiu em todos os tempos entre a superstição e a filosofia. Em todos os séculos, houve pensadores nas sociedades policiadas que tiveram a coragem de mais ou menos se afastarem das opiniões do vulgo e de combater seus preconceitos. Vemos em todas as eras a filosofia às turras com o fanatismo.

Na Antiguidade, vemos que os homens mais esclarecidos e os mais virtuosos ocupados em minar o império do sacerdócio e, frequentemente, forçados a sucumbir sob seus golpes. Vemos Sócrates, o pai da moral, recebendo a cicuta das mãos de uma autoridade tirânica e de leis insensatas, por ter ousado lutar contra os deuses de seu país. Vemos o profundo Aristóteles banido de sua pátria.

Vemos em todos os séculos a ciência e o gênio elevarem-se com força contra a impostura e reclamar mais ou menos abertamente os direitos da razão contra uma religião sempre imperiosa, sempre absurda, sempre poderosa, sempre contrária ao repouso dos mortais, sempre em contradição com a Natureza, sempre inimiga da experiência e da verdade. Foi preciso então separar-se e viver em guerra contra ela.¹¹ Os ministros da religião mostraram-se em todos os países os inimigos implacáveis da

¹¹Quase todos os filósofos da Antiguidade tiveram dois tipos de doutrinas, uma pública e outra escondida (exotérica ou esotérica). As obras de Platão só têm por objeto substituir a moral pela superstição. Este último filósofo denigre por toda parte os poetas, isto é, os teólogos de seu tempo, os oráculos do paganismo. Eis, talvez, o porquê de os primeiros padres da Igreja cristã terem sido todos platônicos. A dupla filosofia dos Antigos é evidentemente a verdadeira causa da dificuldade que se tem quando se quer discernir seus verdadeiros sentimentos. É preciso falar claramente aos homens, sem isto, talvez seria melhor calar-se. Mas a maior parte dos autores quer gozar de sua vida. Em consequência, ou eles se creem obrigados a esconder seus sentimentos muito contrários aos preconceitos recebidos, ou suas obras tornam-se enigmas inexplicáveis para a posteridade, que aí encontra perpetuamente o erro ao lado da verdade. Todo homem que pensa firmemente escreve para o futuro. Se ele teme comprometer-se, que legue suas ideias à posteridade. Vejais o capítulo XI. É bom observar que frequentemente os teólogos, após ter vivamente perseguido filósofos, acabaram adotando as suas ideias. É assim que os teólogos modernos se servem hoje das provas da imortalidade e da espiritualidade da alma e da existência de Deus imaginadas por Descartes, que perseguiram como um ateu. (N. do A.)

filosofia, e os filósofos tomaram em mãos a causa do homem aviltado pelos padres e escravizado pelos tiranos. Eles buscaram instruí-lo de seus deveres que tudo conspirava a fazê-lo esquecer. Os padres e os tiranos, apoiados pelos preconceitos do vulgo, combateram com sucesso os sábios apoiados unicamente pelas forças da razão. Os primeiros, com a ajuda do prestígio, cegaram os homens, conduziram-nos de abismos a abismos e somente eternizaram as suas penas. Os outros, desprovidos de poder e de autoridade, quase sempre obrigados a calarem-se, instruíram as nações furtivamente¹² algumas vezes ofereceram-lhes remédios contra os males que o erro lhes tinha causado. Assim, veem-se nas nações instruídas duas potências desiguais em confronto. Uma sustenta a autoridade pública e da opinião nacional, resistiu sempre aos ataques da razão e esteve em condição de fazer uma guerra ofensiva e cruel a todos os seus inimigos. Mestre do campo de batalha, ela governou os príncipes, afastou a sabedoria de suas pessoas, envenenou sua infância, presidiu em seus conselhos, apoderou-se do espírito dos súditos. Enfim, o erro triunfante conseguiu regradar o destino dos impérios, infectou com seu fermento todas as instituições humanas, obscureceu as ciências, desencorajou os talentos, abusou do gênio, degradou as artes, submeteu-as a seus ridículos caprichos, forçou tudo a servir às suas imposturas e a ornar seus delírios. A sabedoria, a filosofia e a liberdade de pensar foram a partilha somente de algumas almas honestas que lamentaram em segredo os males de sua pátria, ou que se arriscaram a se tornarem vítimas de sua coragem todas as vezes que quiseram anunciar eminentemente a verdade.

Perguntar-nos-ão, talvez, se não há extravagância em querer combater com forças tão desiguais os erros dos homens. Amigos tímidos da filosofia pretenderão que é prejudicar-lhe fazer ouvir a sua fraca voz no meio das aclamações e dos triunfos que a superstição e o despotismo são por toda parte premiados. De que serve, dir-nos-ão, a verdade a povos de longa data esmagados, aviltados, adormecidos na miséria? De que serve raciocinar para homens frívolos agitados pela suavidade e pelo luxo, desprovidos de energia e de coragem, entregues à dissipação e a prazeres pueris, e que, contentes em suas correntes, só pensam em desfrutar sem se ocupar com sua felicidade sólida nem com a sua posteridade? Enfim, de que servem as luzes a escravos tão degradados para acalantar¹³ seus ferros, tão extravagantes para achar a virtude ridícula, tão desesperados para crer que seus males são sem remédios? Não seria a verdade um presente funesto a homens para tirá-los de sua sonolência como para lhes fazer conhecer toda a extensão

¹² “Dérobee”, no original. (N. do T.)

¹³ “Chérir”, no original. (N. do T.)

de seus males? Não seria ela inútil a seres tão poucos dispostos a escutá-la? Enfim, homens mais amigos de seu repouso como da felicidade do gênero humano dirão que basta ser sábio para si, que é preciso abandonar os insensatos às suas loucuras.¹⁴

Respondo que os males dos homens nunca ficam sem remédios, que o conhecimento da verdade revela-nos, torna-os ativos, enfraquece pouco a pouco a influência das opiniões que causam seus infortúnios. Uma nação que se esclarece não pode estar sem recursos nem infeliz para sempre. É o erro e a opinião que escravizam o mundo, é da ignorância que vem os males da Terra. Curando os homens de suas falsas ideias, ver-se-á cedo ou tarde aliviados de suas misérias. O império dos perversos está fundado sobre a opinião.

Assim, que se mude de opinião e delas mesmas cairão as correntes das mãos dos povos. Os opressores do gênero humano, por mais cegos que sejam, pressentem esses efeitos. Em consequência, eles não omitem nada para sufocar a verdade desde que ela ouse aparecer. À força de ameaças e perseguições, eles assustam todos aqueles que poderiam anunciá-la. Em todos os tempos, o poder injusto se armou contra os escritos mais úteis. Entretanto, malgrado todos os seus esforços, eles subsistem hoje e ainda servem para esquentar nos corações e guiar nossos espíritos. Os preceitos de Sócrates chegaram até nós, e a superstição que o fez perecer é, depois de muito tempo, destruída e desprezada.

Que não nos digam então que as lições da sabedoria são inúteis. Os homens não subsistem sempre? Verdades desconhecidas ou mesmo odiosas a nossos padres não são elas adotadas por nós? Se os vícios de nosso século, se os preconceitos atuais opõem-se ao bem que querem nos fazer, as instruções da filosofia não podem servir um dia à nossa posteridade, que seus infortúnios forçarão, sem dúvida, a recorrer à verdade?

Deixemos-lhes então recursos, lhes transmitamos luzes, prevejamos suas circunstâncias e suas necessidades, e desfrutemos com antecedência de seu reconhecimento, que quase sempre os contemporâneos recusam àqueles que os esclarecem.

O sábio não deve titubear na ingratidão de seus concidadãos: ele é o homem de todos os tempos e de todos os países. Sempre mais avançado do que seu século, aí ele parece deslocado. Se seus contemporâneos recusam-lhe seus sufrágios, ele terá os da

¹⁴ “*Loquondum est ut plures, sapiendum ut pauci.*” (N. do A.)

posteridade. Escutar as lições de um homem que nos instrui é confessar a sua superioridade. Esta confissão sempre custa à vaidade.

Os mortais acham melhor persistir em seus antigos erros que mostrar a deferência àquele que os desengana. O mérito presente nos humilha, revolta nossa inveja.

Esta inveja morre com o objeto que a excitou. É então que julgamos com sangue-frio e que pagamos ao mérito o tributo que ele tem o direito de pretender. O grande homem em todo gênero é um incômodo para a vaidade de seu século. O gênio sempre reduz a mediocridade ao desespero. Aquela se vinga por desprezos afetados, pela crítica e pela calúnia do ciúme que ela experimenta.

O tempo torna os homens mais justos. É após a morte que o homem de talentos desfruta das honras do triunfo. É para a posteridade, para a eternidade que o sábio deve escrever, é do gênero humano futuro que o grande homem deve sempre ambicionar os sufrágios.¹⁵

A verdade, como o sol, é feita para iluminar o globo inteiro. Ela jamais envelhece, ela não conhece de modo algum os limites que convenções passageiras colocaram às sociedades políticas. Sua luz é destinada a todos os habitantes da Terra, sua tocha frequentemente velada por nuvens ou eclipsada aos olhos de um povo por um tempo, serve, contudo, para guiar um outro.

Todo homem que medita não desfruta hoje de uma gama de verdades, de luzes, de descobertas outrora combatidas, abatidas¹⁶, sufocadas, perseguidas por aqueles a quem eram destinadas? Os estudiosos de nossas regiões, doravante, não estão ao alcance de extrair nas fontes tornadas inúteis na Assíria devastada, no Egito embrutecido, na Grécia escravizada, na Itália conquistada por bárbaros e submetida a padres?

A sabedoria dos Antigos então está perdida pra os sábios modernos? Não é então para o filósofo de hoje que escreveram os Platões, os Aristóteles, os Cíceros, os Antônio? Não é para nossos legisladores que os Sólon, os Licurgo, os Charondas meditaram? Não é para nossos moralistas que o sábio Confúcio tem, no fundo do Oriente, ensinado as lições?

¹⁵ Quase todos os países se tornam culpados da mesma loucura dos Efésios que, após ter banido Hermodoro, o mais ilustre dos cidadãos, passaram um decreto que constava que ninguém se distingue entre nós. O filósofo Heráclito dizia que por essa bela norma, todos os Efésios mereceriam a morte. Ver Cícero, *Tusculanas*, V. (N. do A.)

¹⁶ “Déprimées”, no original. (N. do T.)

Auxiliada pela experiência dos séculos passados, a filosofia esclarecendo a política e a história, está ao alcance de instruir os que governam hoje. Ela mostrar-lhes-á as armadilhas que os outros pararam, descobrir-lhes-á as verdadeiras causas dessas revoluções que tombaram os impérios, far-lhes-á ver em cada página os trágicos efeitos da tirania, da superstição, do delírio dos reis, dos preconceitos dos povos, da ambição dos grandes.

Que não nos digam que as nações não se tornaram mais felizes, que seus chefes não se tornaram mais sábios. O Bretão, cansado de seus déspotas e de suas revoluções, não se apropriou das ideias políticas de Esparta, de Atenas, de Roma? Ele não conseguiu forçar seus monarcas a tornarem-se cidadãos? Inflamado pelo belo fogo que queimou nos corações dos Harmódios, dos Timoleões, dos Diões, e que fez desaparecer a tirania da Grécia, não jurou um ódio imortal aos inimigos de sua liberdade? Não é para ele que os Tucídides, os Políbios, os Tácitos escreveram a História?¹⁷

Enfim, se o Inglês ainda não conseguiu dar a seu destino a perfeição e a solidez as quais seria suscetível, é que, ainda submetido a mil preconceitos, não teve a coragem de fazer uso da experiência antiga e de aplicá-la na cura de seus males, na supressão total da superstição, na perfeição da educação, na reforma dos costumes e que, joguete de sua avidez e de sua paixão pelas riquezas, acreditou que a opulência bastava para tornar um povo feliz.

Sejam o que for, as lições da sabedoria nunca estão totalmente perdidas para a raça humana. O pai de família, quando planta, ocupa-se agradavelmente consigo mesmo e muito utilmente com a sua posteridade, que ele prevê no futuro.¹⁸ Que o homem que pensa então se consola se suas reflexões e seus trabalhos são frequentemente inúteis em seu século e mal recompensados por seus contemporâneos. O amigo da verdade deve levar seus pontos de vista além dos limites de sua vida. Que seus olhos aguçados avistem os séculos futuros, que abracem o vasto horizonte do gênero humano. Que seu coração se enteneça sobre a posteridade: menos invejosa e menos prevenida, ela abençoará um dia, sem dúvida, a memória daqueles que tê-lo-ão esclarecido e que traçar-lhe-ão a via da felicidade. Assim como o astro do dia, a luz da verdade parece

¹⁷ Na Inglaterra, sob Charles I, os partidários do despotismo ou do poder arbitrário dos reis se queixaram no século passado que era a leitura dos Antigos que fizera nascer nos corações o entusiasmo da liberdade...Um ministro de Estado francês via indistintamente todas os letrados como sediciosos. Ver *Le Parrhasiana*, tomo II, p. 261. (N. do A.)

¹⁸ “Do mesmo modo que um homem que cultiva a terra com cuidado planta árvores sem nunca esperar aí ver frutos, um grande personagem não planta, se ousa dizer, leis, costumes, repúblicas?” Cícero, *Tusculanas*, I, [14]. (N. do A.)

esclarecer sucessivamente as diferentes partes de nosso globo. A sabedoria vinda das profundezas do Oriente agora a deixa nas trevas para esclarecer o Ocidente. Harrington, Locke e vosso sublime Montesquieu! É talvez para a América que vossas lições são destinadas. Todo o universo tem direitos sobre as luzes de um grande homem. É nesse sentido que o sábio é um *cidadão do mundo*, ele deve servir à grande sociedade. A verdade é um bem comum a toda a raça humana, aqueles que encontram esse tesouro são obrigados a prestar-lhe conta. É um roubo privar-lhe.¹⁹

O homem só é estimável em razão da felicidade que ele busca para seus semelhantes. O homem de bem não perdeu seu tempo se ele fez um único feliz.

Convindo que a verdade é útil e necessária, perguntarão talvez se seus pretensos amigos estão certos de tê-la encontrado. “Tudo neste mundo, dir-nos-ão, é um problema, um enigma, um mistério. Nosso entendimento é limitado, todo homem está sujeito a enganar-se. Os gênios mais brilhantes anunciam-se frequentemente só pela grandeza de suas diferenças. Assim, como conhecer com certeza se o que chamai de verdades não são erros tão perigosos como aqueles que quereis destruir? Partindo desse principio, concluir-se-á que é preciso deixar ao gênero humano suas ideias, suas incertezas e suas loucuras, se somente é possível substituí-las somente por novas incertezas e extravagâncias.

Respondo que um filósofo, mesmo com o mais vasto gênio, os conhecimentos mais profundos, as intenções mais puras, pode sem dúvida enganar-se e iludir a si mesmo. Pode tomar por verdades incontestáveis ideias que somente são os produtos de uma imaginação impetuosa, de seus próprios preconceitos, de seu modo de ver e de sentir. Entretanto, consultando a Natureza, a experiência, a razão, a utilidade constante do gênero humano, ele marchará com um passo seguro para a verdade. De outro lado, os sistemas da filosofia, sendo somente *oráculos divinos*, podem ser examinados, discutidos, rejeitados se são falsos ou contrários ao bem-estar dos homens. Os princípios de todo homem que pensa e que fala ao público podem ser contestados, analisados, submetidos à experiência e pesados na balança.²⁰ Em uma palavra, a

¹⁹ “La vérité est un bien commun à toute la race humaine, ceux que trouvent ce trésor sont tenus de lui en rendre compte. C’est un vol de l’en priver”, no original. (N. do T.)

²⁰ Se prestarmos atenção, veremos que aí não pode ter livro verdadeiramente perigoso. Que um escritor venha nos dizer que se pode assassinar ou roubar, não se assassinará nem se roubará mais por isso, porque a lei diz o contrário. Só quando a religião e o zelo disserem assassinar ou perseguir que poderão fazê-lo, porque então se assassina impunemente ou em concerto com a lei, ou porque no espírito dos homens a religião é mais forte do que a lei e deve ser preferencialmente escutada. Quando os padres excitam as paixões dos homens, suas declamações ou seus escritos são perigosos porque não existe mais freio para

autoridade do filósofo não faz a lei, e se ele busca a verdade na sinceridade de seu coração, ele subscreverá de pleno grado à sua própria condenação, quando se aperceber que se enganou. Pretender ser isento do erro é pretender não ser homem. Não reconhecer seu erro é, ou uma vaidade pueril, ou uma presunção insuportável. Resistir à verdade sentida ou querer por sofismas lutar contra ela é querer sujeitá-la a seu amor-próprio, é se declarar seu tirano.

Não há impostura e má-fé que possam temer ou proibir o exame. A discussão fornece novas luzes ao sábio, ela só é angustiante para o que quer com um tom soberbo impor suas opiniões, ou para o enganador que conhece a fraqueza de suas provas, ou para aquele que tem consciência da futilidade de suas pretensões. O espírito humano se esclarece mesmo por seus extravios, se enriquece com experiências que, feitas sem sucesso, ensinam-lhe pelo menos a buscar novas vias.

Odiar a discussão é confessar que se quer enganar, que se duvida de si mesmo da bondade de sua causa ou que tem muito orgulho para retornar sobre seus passos. Enfim, as nações só podem ver as maiores vantagens em ver homens esclarecidos analisarem com sagacidade ou discutir com calor os objetos mais essenciais à sua felicidade.

Aliás, não vemos que nenhum sistema filosófico, que nenhuma discussão moral excitou guerras. Jamais a filosofia ensanguentou o universo. Se os filósofos tiveram disputas entre eles, a tranquilidade das nações não foi afetada. A filosofia produzia diferentes seitas que tiveram cada uma seus prosélitos, seus chefes, seus aderentes. Eles frequentemente se odiaram, mas as nações jamais se digladiaram por eles nem se acreditaram interessados em se engajar em suas querelas. Os filósofos puderam discutir sem consequência para a paz do Estado. Desprovidos de poder, eles não tiveram o direito de obrigar ninguém a pensar como eles. Antigamente, viam os pitagóricos, platônicos, estoicos, cínicos e pirrônicos com agrura, porque a vaidade do homem o torna obstinado em suas ideias e não gostam daqueles que se recusam a render homenagem a suas luzes. Mas de modo algum se vê entre filósofos *heréticos* nem *infiéis*, palavras funestas inventadas pelos teólogos para destruir todos os que não quiseram se subscrever às decisões que seu interesse ditara-lhes.

A filosofia só foi nociva à paz da sociedade quando amalgamada com a superstição, ela foi forçada a adotar seus furores, colorir suas mentiras e apoiar seus devaneios. Com efeito, depois de um grande número de séculos, qual abuso indigno não

conter as paixões sacras que foram excitadas, e porque os devotos nunca examinam o que dizem seus grandes guias espirituais. (N. do A.)

foi feito da arte de pensar e de raciocinar? A filosofia foi invadida por padres. Corrompida por eles, ela presta socorro aos apóstolos da desrazão. Submetida a seus pontos de vista, ela só foi empregada em descobrir penosamente sofismas e sutilezas próprias a tornar a absurdidade provável e a mentira plausível e em munir de quimeras e fábulas contra os ataques do bom senso. Assim, a ciência que parecia destinada à busca da verdade, a guiar a política, a fixar a moral, a dar justeza ao espírito, a fornecer aos mortais os meios de aperfeiçoarem-se, só serve para cegá-los por princípios, torná-los obstinados em sua ignorância, obstinados em seus delírios. Em uma palavra, ela só serve para armá-los contra a razão e colocá-los em condição de combater com sucesso as verdades mais necessárias à sua própria felicidade. Assim desfigurada, a filosofia tornou-se irreconhecível aos olhos dos que quiseram sinceramente ocupar-se com a busca do verdadeiro e da utilidade do gênero humano. Em suas hipóteses absurdas, em sua má-fé, em suas vãs sutilezas, em seus efeitos por vezes funestos às nações, não reconheceram uma ciência que julgaram dever ser a pedra de toque da mentira e o inimigo de tudo que possa prejudicar²¹ o bem dos homens. Enfim, em uma arte fatal inventada para confundir as noções mais simples, para obscurecer a razão e reduzi-la ao silêncio, para tornar a moral incerta e mutável²², o sábio não pode encontrar o menor vestígio dessa ciência sublime e benfazeja que deve ter a experiência por base e a felicidade do homem por objeto. Assim, tudo lhe pareceu autorizar a separação da pretensa filosofia religiosa e da filosofia racional. A primeira pareceu-lhe uma prostituta vil submetida às paixões da tirania e da impostura. Ele apercebeu-se que ela só servia para perturbar o entendimento, para induzir ao erro a imaginação, para depravar o espírito e o coração dos mortais, a colocá-los às turras e por vezes derramar seu sangue.

A verdadeira filosofia nunca causou devastações sobre a terra. A falsa filosofia ou a teologia a mergulhou cem vezes no infortúnio e no luto. A religião é única na condição de incendiar nações inteiras por suas opiniões, seus partidários são bem mais numerosos, mais obstinados, mais turbulentos que os da filosofia. Na religião, tudo é divino, tudo é da maior importância, tudo merece a atenção mais séria, seus princípios estabelecidos pelo mestre absoluto da vida e da morte não podem ser discutidos sem temeridade, nem colocados em dúvida sem impiedade, nem combatidos sem crime. Sobrenatural ou superior à Natureza e à razão, esta religião está no direito de tomar os recursos da razão humana para apoiar-se, mas jamais é permitido empregar a razão para

²¹ “Nuire”, no original. (N. do T.)

²² “Changeante”, no original. (N. do T.)

examinar ela mesma. Seria um sacrilégio portar uma tocha profana em suas obscuridades sacras. Seus sofismas são respeitáveis, suas contradições são mistérios destinados para confundir o entendimento humano, suas absurdidades devem ser piamente adoradas e recebidas sem exame. Enfim, seus dogmas são inflexíveis, devem ser defendidos e mantidos mesmo a custo do sangue, da vida, da paz das nações. Por toda parte onde o espírito dos homens estiver preocupado com opiniões religiosas às quais atrelarão sua felicidade eterna, a razão não poderá nada sobre eles, a Natureza criará em vão, a experiência nunca irá convencê-los e nenhuma força no mundo achar-se-á capaz de contrabalançar um interesse que a imaginação pintou como devendo sufocar todos os outros.

Após ter mostrado que a verdadeira filosofia permite e deseja o exame de seus princípios e que ela não tem nem o poder nem a vontade de perturbar a paz dos Estados, logo veremos se poderemos justificá-la das incertezas e das dúvidas que a acusam de derramar nos espíritos.²³ Até lá, diremos que a filosofia só é problemática quando ela se ocupa com objetos indiferentes à nossa felicidade. Se então coisas neste mundo são problemas para nós, se somos por vezes reduzidos a duvidar e a ignorar, ao menos nos é dado conhecer com certeza tudo o que nos interessa verdadeiramente. A filosofia só é incerta quando ela cessa de tomar a Natureza por guia, ou quando ela só segue a imaginação e a autoridade. Nisto ela vagueia como a física, a medicina, a própria geometria. Em uma palavra, todas as outras ciências quando se rendem ao sistema sem firmarem seus passos pela experiência. Esta é um guia seguro, enquanto que a imaginação e a autoridade são sempre guias suspeitos. Só é por acaso que fazem encontrar verdades. Todo sistema que não tem a experiência por base está sujeita ao erro. Somente aí veremos ideias desconexas²⁴, nunca encontraremos acordo entre suas partes.²⁵ O espírito filosófico é o espírito da experiência e da análise, ele exige sagacidade para discernir o falso frequentemente entrelaçado com o verdadeiro, para julgar a certeza da própria experiência. Ele exige gênio para tomar o todo de um sistema, exige liberdade e não pode submeter-se aos entraves da autoridade. Exige

²³ Ver o capítulo que segue imediatamente. (N. do A.)

²⁴ “Décousues”, no original. (N. do T.)

²⁵ Se examinarmos a marcha do espírito humano, veremos todas as pretensas ciências dos homens forçadas a desaparecer desde que elas se rendam à experiência. Veremos a astrologia destruída pela astronomia. A magia e os encantamentos pela medicina e a física, a alquimia pela química positiva. A religião, que é uma combinação informe da astrologia, da magia e do charlatanismo de todo gênero, deve estar assustada com tudo o que é anunciado da experiência e da razão. Eis porquê ela é inimiga de toda ciência. O estudo da Natureza expulsará cedo ou tarde as quimeras, os milagres, os prestígios dos quais se servem em todos os lugares para enganar o gênero humano. (N. do A.)

calma e sangue-frio, sem os quais somente se coloca novos erros sobre os erros antigos. Exige sinceridade e boa-fé, sem as quais só fornece meios para iludir a si mesmo e para enganar os outros. Enfim, exige virtude, que é a disposição de se tornar útil ao gênero humano e de merecer sua estima, sua benevolência, seu amor pelo bem que lhe fizeram. O espírito filosófico só é um espírito de vertigem quando segue a imaginação. É um espírito de servidão quando rasteja de modo vil sob a autoridade. É um espírito de mentira quando busca enganar-se e iludir os outros. É um espírito pueril, um vão jogo infantil quando se ocupa com objetos estranhos à felicidade dos homens.

Liberdade, verdade, utilidade, eis os caracteres do espírito filosófico, eis a divisa do filósofo. Assim, tudo o que interessa à felicidade humana entra em seu departamento. A política e a moral constituem seu domínio. É, sobretudo, das ciências que depende o bem-estar das nações. O verdadeiro e o útil são os únicos signos aos quais a filosofia consente em limitar-se. Em uma palavra, o espírito filosófico é o espírito de utilidade. É na balança da utilidade que o filósofo deve pesar os homens, suas obras e suas pretensões. Ele aí põe indistintamente essas religiões tão respeitadas, e se ele tem a coragem de ter a balança com uma mão segura, vê que elas são a origem fatal das misérias humanas e que se daí resulta algumas fracas vantagens para um pequeno número de indivíduos, resulta necessariamente uma gama de males para nações inteiras. Ele põe na mesma balança esses déspotas que a opinião faz observar como deuses e que muitas vezes são demônios para os povos que eles deveriam tornar felizes. Ele aí põe esses grandes tão orgulhosos de seu nascimento, de seus títulos, de sua categoria elevada, e por vezes só encontra neles almas abjetas, corações perversos, escravos arrogantes que outros escravos se obstinam a reverenciar enquanto são os instrumentos de sua ruína ao invés de ser seus defensores e seus apoiadores. Enfim, ele põe nesta balança as leis, as instituições, as opiniões, os costumes, e quaisquer que sejam os preconceitos que os favoreça, ele condena essas coisas quando as vê perigosas, as despreza desde que sejam inúteis, as deslegitima quando aí vê as conseqüências negativas. Acusam muitas vezes o espírito filosófico de esfriar o coração e de fazer do filósofo um juiz austero apto a assustar os jogos inocentes, incapaz de se prender às ilusões amáveis das artes, insensível aos charmes das graças. Esse preconceito muitas vezes faz inimigos na filosofia da maior parte daqueles que cultivam as letras e as artes.²⁶ A verdadeira sabedoria não é a inimiga dos prazeres, ela aprova e acalenta tudo

²⁶ Horácio, *Arte poética*, verso 309, disse: "*Scribendi recte, sapere est et principium et fons.*"["A razão, eis o principio e a origem de toda escrita."] O que significa, evidentemente, que para fazer boas obras de

o que pode contribuir para tornar nossa existência mais agradável. Ela só condena o que pode prejudicá-la, desdenha somente o que é inútil à felicidade. Mas vimos antes que por um vergonhoso abuso, talentos de espírito destinado aos prazeres, à diversão, à utilidade do gênero humano são por vezes empregados em ornar paixões funestas, em se comprazer no crime, em pintar objetos fúteis, em tornar mais agradável o veneno do erro. A sabedoria é então feita para aprovar a poesia quando ela canta os tiranos, os conquistadores, os destruidores da terra, ou quando mole e efeminada, ela nos ocupa com extravagâncias amorosas, volúpias, dissabores pueris e quimeras próprias para estragar²⁷ o espírito e corromper o coração²⁸! Pode ela aprovar a História, quando para louvar a tirania ela deixa guiar sua pluma para a mentira ou faz a apoteose dos executores do gênero humano? Pode ela admirar a eloquência quando recorre à impostura e ao fanatismo ou quando ela seduz os mortais para fazê-los consentir em suas misérias? Pode ela se impedir de condenar essas ficções romanescas que só têm por objeto divertir a ociosidade e nutrir os devaneios desonestos de um leitor viciado, pelo quadro sedutor e por vezes obsceno de uma paixão muitas vezes perigosa desde que seja escutada? Enfim, a filosofia ocupada com o verdadeiro e que só pode encontrar gosto no que é conforme a Natureza consentirá em fazer caso das produções bizarras do luxo e da fantasia nas quais vê a artes submetidas aos caprichos da moda, ao falso gosto do século, à frivolidade?

Quereis merecer os sufrágios da sabedoria? Poetas! Pinteis a Natureza, seus tesouros são inesgotáveis. Embelezem a verdade, mostrem-na por seus ângulos mais amáveis. Veleis algumas vezes suas iscas²⁹ sob as sombras da ficção a fim de torná-las mais novas, mais picantes, mais variadas. Oradores! Explodi a mentira, mostreis a verdade, deis a ela nobreza e energia, torneis ela tocante e patética, que falando à imaginação ela se torne mais sedutora e mais persuasiva. Historiadores! Pinteis com

todo gênero é preciso *sapere*, isto é, ter filosofia. Com efeito, o poeta acrescenta em seguida: “*Rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae.*” [“Encontrarás as ideias na filosofia de Sócrates.”] *Ibid.*, verso 310. (N. do A.)

²⁷ “Gatêr”, no original. (N. do T.)

²⁸ É fácil ver que a poesia prejudicou o gênero humano pelas quimeras das quais ela quase sempre foi imbuída. Suas ficções primitivas representaram os deuses como seres viciosos, debochados e perversos. As obras dos poetas estavam, nos Gregos e nos Romanos, entre as mãos das crianças, que aí deviam delinear noções muito nocivas à moral. Eis, sem dúvida, porque muitos filósofos se declararam os inimigos da poesia, como servindo para corromper os costumes e para perpetuar noções falsas e supersticiosas. Nos modernos, a poesia quase sempre se ocupou com o amor e muito raramente com objetos verdadeiramente interessantes. Também o reino desta poesia fútil parece tender a seu fim. Cícero exclama com razão: “Ó excelente escola para os costumes como a poesia, que coloca desse modo no número dos deuses o amor, autor de tantas extravagâncias e crimes!” Ver *Tusculanas*, IV, [32.] (N. do A.)

²⁹ “Appâts”, no original. (N. do T.)

força e verdade os delírios dos reis, os perigos do despotismo, os furores das conquistas, as loucuras da guerra, as extravagâncias do fanatismo, os abusos do governo, os perigosos efeitos dos preconceitos. Autores dramáticos! Que vossas tragédias assustem o crime, que elas enternecem em favor da virtude na aflição, que elas inspirem o ódio à opressão e o amor à liberdade, que vossas comédias acabrunhem o vício sob os traços do ridículo, que combatam as loucuras humanas, que forcem o espectador a rir de suas próprias fraquezas e a corrigi-las. Romancistas! Interessei-vos pela inocência, mostrei-nos em vossas ficções os charmes da virtude, os perigos das paixões, que, divertindo, elas gravem a verdade em nossos corações. Artistas! Filhos da pintura e da escultura! Consulteis a Natureza, pinteis ela fielmente. Tomeis o homem no instante no qual possa nos fazer meditar e adentrar em nós mesmos. Instruais-nos pelos olhos. É então que o sábio aplaudirá vossos talentos diversos, estimará vossas obras, sentirá a utilidade. Se o espírito filosófico guiasse os talentos e as artes, todas suas produções levariam os homens à utilidade, à felicidade, à virtude.

Assim, a verdadeira filosofia acalenta, aprova, admira em tudo a utilidade, a conformidade à Natureza, a verdade. Seus julgamentos só são temerosos para aqueles que pela futilidade, inutilidade, por esses talentos perniciosos que seduzem os homens, que os enervam, que os tornam cúmplices de seus próprios infortúnios, que os entretêm em seus vícios e seus vergonhosos preconceitos. A sabedoria aprova os prazeres honestos, as diversões inocentes, as produções de espírito que instruem agradando. Ela não pode conceder seu sufrágio ao que perverte o homem sob o pretexto de afrouxá-lo. Ela sorri aos jogos amáveis das graças, mistura-se aos concertos das musas, se presta aos impulsos³⁰ da imaginação, aprova a ficção, aplaude as investigações, estima as invenções engenhosas das artes todas as vezes que essas coisas tendem à felicidade da sociedade. Ela só mostra um semblante severo ao que pode prejudicá-la, só exprime desprezo ao que é inútil e capaz de desviar dos objetos interessantes para o homem.

³⁰ “Essors”, no original. (N. do T.)